

STABILE DE TORINO

"L'UOMO, LA BESTIA E LA VIRTÙ"

Remontemos às origens. Da herança grega, da tragédia romana, das comédias praútinhas, das "laudi", dos "misterios", das representações sacras, da Renascença, que teve o poder de enfraquecer Shakespeare, o teatro italiano subjugou a todos, e no século XVII o teatro de todo o mundo revelou a sua matriz genuinamente italiana.

Pesava, sobre o teatro italiano, uma grande tradição, com um Goldoni antitradicional, um Gozzi, os epígonos românticos, os Giacosa, os Rovetta, os veristas, os zolianos e outros ainda, que não é necessário lembrar aqui. Mas o germe do glorioso naturalismo siciliano do fim do século, magma vulcânica da Magna Grécia, que produzira o mestre que foi Giovanni Verga, além de Luigi Capuana, seu discípulo, afirmou-se na célula-mater do maior subversor do teatro de todos os tempos: Luigi Pirandello. Falar sobre ele é um grande compromisso.

Vão longe os tempos em que se ia ao teatro com a secreta e juvenil esperança de um clamoroso incidente. Hoje Pirandello é um clássico, e as

discussões estão encerradas, não podendo reiniciar-se nem mesmo sobre os trabalhos que menos contribuíram para a sua glória, como é de se considerar a comédia representada ontem à noite, no Municipal, pela Companhia do Teatro Stabile de Turino.

Ousamos a hipótese de que provavelmente, com "L'uomo, la bestia e la virtù" — respectivamente o professor Paolino, o capitão Perella e sua esposa — Pirandello queria construir um trágico grotesco, que surge, de fato, na cena em que o professor Paolino embeleza a senhora Perella, com o objetivo de torná-la mais apetitosa aos olhos do indiferente ou recalitrante marido. O tema, não desenvolvido completamente por fato involuntário ou almejado, reduz a comédia a um escarnio, a uma ironia aventura "bocaccicesca", na qual debalde se buscariam a dialética de "Sei personaggi", a lucida loucura de "Enrico IV" e, afinal, o Pirandello complicado e paradoxal que a tradição encerrou dentro de limites bem definidos.

Quanto mais conhecemos o seu teatro, tanto mais incrível nos parece que Pirandello tenha construído voluntariamente uma comédia tão simples e fácil, tão terra-terra, muito embora reconheçamos a sua exasperação escarminha e a sua profunda amargura.

Afirmou-se que em "L'uomo, la bestia e la virtù" é a Sicília que fala ao coração e à fantasia do poeta: "séculos de história diluídos numa gente". Mas, evidentemente, quem o disse não deve conhecer muito bem a Sicília e os seus costumes, que excluem, da forma mais categórica, a possibilidade de um desenvolvimento conjugal e extra-conjugal, como os imaginados pelo autor, onde se comprazem em resistir, substancialmente indiferentes, tanto o Homem quanto a Besta.

Neste sentido, a Sicília não pôde falar nem ao coração nem à fantasia do poeta, e se Pirandello podia esperar uma mensagem da sua terra natal, esta se teria articulado de forma bem diferente. Persiste, a nosso ver, o fato substancial de que Pirandello quis dar-se ao gosto de "arregçar as colchas a seus personagens, sem desdém e sem recusas", construindo uma trapalhada cuja originalidade deriva da subversão de todas as tradições cómicas do teatro amoroso. Os amantes não o arquitetam para um encontro clandestino, mas para obrigar o marido a lembrar-se de que o é e dessa forma salvar a sua reputação, visto encontrar-se naquele estado, malgrado a longa ausência do capitão Perella.

O festim nupcial, que se consuma em dose maior do que o previsto, com a cumplicidade de uma torta especialmente preparada para pôr fogo nas velas do marido (são cinco, e não um os vasos que a senhora Perella exporá na terraça, para avisar o ansioso amante que o fato se realizou com êxito), pode fazer com que o Homem declare que a esposa da Besta é o espelho perfeito da Virtude.

Quando se fala em sexo o risco é o de tombar na vulgaridade. É certo que os fatos naturais parecem esqualidos ou, mesmo, torpes, tão só quando perdem a sua genuinidade, e a contemplação torna-se morbida, mas é igualmente certo que o espaço é tão pequeno, e os limites tão confusos, que mesmo sem querê-lo pode-se cair com muita facilidade na torpeza e na vulgaridade. O mérito de Pirandello foi o de ter sabido evitar o escolho, não indiferente.

A comédia foi, certamente, uma grande surpresa para quem — conhecendo a temática pirandelliana — se encontrou diante do viço e da simplicidade de uma linguagem nova "com que o povo, em paz com o seu corpo e com o seu espírito, considera as coisas da vida, inclusive o sexo".

mamente o seu ansioso e confuso temor, bem como a sua satisfação final; Renzo Giovanpietro, num papel que talvez não se coadune muito com os seus meios expressivos, também teve uma boa interpretação, dando ao Professor Paolino (o Homem) os impulsos humorísticos e as moralizadoras exasperações de um amante preocupado que quisera falar e agir — pelo menos é o que procura fazer crer — e deve recorrer aos equívocos para safar-se do apuro, recendo o pior; Gianni Mantesi (o Dr. Nino Pulejo), Giulio Oppi (o farmacêutico Totó), Gastone Bartolucci (um marujo), Anna Maria Cini (a governanta Rossaria) e os escolares (Ivana Erbetta, Franco Passatore e Alessandro Esposito), acompanharam os protagonistas com uma recitação apreciável; sempre muito eficaz Gina Sammarco, no papel da doméstica Grazia.

O público, numerosíssimo, não se escandalizou, como alguém temia, atribuiu à comédia o seu justo valor de fato comum da vida e do mundo, acolhendo-a com calorosos aplausos no término de cada ato, e particularmente no fim. Aliás, os tempos mudam (e nós mudamos com eles), e o que ontem podia escandalizar, hoje faz tão só sorrir, quando não faz rir abertamente.

Libero MALAVOGLIA

Um grande louvor deve ser dirigido a Filippo Scelzo, que no papel do capitão Perella a (Besta) deu forte destaque ao personagem, tornando evidente o seu caráter e os seus modos descorteses. Os seus gestos amplos, e a dicção rouca e baixa, acentuaram a sua ilicitude e os seus tons caricaturais. O mérito de Scelzo é, além disso, maior, se refirmos que, em razão de um acidente, no momento não está em perfeitas condições de saúde; Edda Albertini, na grotesca figura da senhora Perella (a Virtude), traduziu oti-